

# A destruição do espetáculo - a contribuição dos jovens para reinventar a sociedade além da sala de aula

*"Estudantes picham relógio dos 500 anos do descobrimento. O que era para ser apenas um ato cultural pelos 500 anos do descobrimento do Brasil transformou-se ontem em uma manifestação de protesto, com muita confusão e vandalismo... Em dado momento, os discursos, feitos de cima de um caminhão de som, cessaram e os estudantes começaram a jogar ovos e tomates no relógio da Rede Globo de televisão... O presidente da UMES, enfatizou que as entidades assumiam a pichação - embora não tenhamos planejado esse tipo de ato.... Era para ser apenas um evento cultural. Questionamos o desemprego, a falta de verbas para a educação. E, por que esse carnaval pelos 500 anos? - argumentou."*

*(O Popular, Goiânia - GO, 20/04/2000).*

O fragmento citado é parte de uma notícia de primeira página de vários jornais importantes do país nas manhãs de 19 e 20 de abril de 2000. Vésperas do grande dia em que o Brasil estaria enaltecendo os 500 anos do seu descobrimento e, em que o governo, apoiado integralmente pela mídia, apresentaria as celebrações, preparadas durante mais de dois anos, com o objetivo de colocar o Brasil, nesse período, como centro das atenções do mundo.

O resgate que faço agora desses fatos tem, no presente texto, o

objetivo de mostrar como o cotidiano social é significativo na formação política e cultural de jovens estudantes. Trata-se de uma abordagem relevante, na medida em que pode contribuir para a prática reflexiva<sup>2</sup> dos professores, preocupados em estabelecer relações entre o contexto sociopolítico de seus alunos e o processo de ensino, de forma motivadora.

Este estudo toma como ponto de partida as festividades oficiais dos 500 anos do Brasil, um projeto criado pelo governo federal e que teve na mídia a mais forte aliada para alcançar seus objetivos. A mídia é atualmente uma das mais importantes ferramentas utilizadas na formação de idéias e opiniões dos jovens estudantes, pois é através dos meios de comunicação que se produzem muitos dos esquemas de modelização<sup>3</sup>. Assim, faz-se necessário captar dos estudantes qual a influência dessa cultura que lhes foi apresentada, de forma homogênea, neste "épico" evento oficial que marcou os 500 anos do Brasil.

O percurso traçado nesta abordagem, e para o qual convido os leitores, desenvolve-se em três tópicos que considerarei expressivos: no primeiro, pretende-se desvendar um dos símbolos criados pela Rede Globo para as festividades; no segundo, busca-se compreender o projeto governamental das celebrações como um grande espetáculo, sobretudo à luz dos conceitos de Debord (1997); no terceiro, procura-se abordar, por meio de depoimentos, a memória social de jovens estudantes e suas relações sócio-políticas, incorporadas pelas culturas hegemônicas.

## O relógio com símbolo

O designer Hans Donner, responsável pela programação visual da TV Globo, é um apaixonado por instrumentos que marcam o tempo e já havia criado um modelo em que discos marcariam as horas, os minutos e os segundos. É um relógio sem ponteiros que, na concepção do autor, compõe uma escultura do tempo. Coube ao designer a criação do relógio que representaria a mobilização de todo o país em torno do evento comemorativo dos 500 anos. Assim, o modelo para o Projeto Brasil 500 deveria transmitir a idéia de o país ser o centro das atenções durante as celebrações. Para isto, o criador do relógio-símbolo simulou o globo terrestre, posicionando o Brasil no centro do mundo e colocou o ponteiro dos segundos em forma de seta apontando para o meio do mostrador. A filosofia do projeto, para o idealizador do marcador do tempo, estava atendida. No dia 31 de dezembro de 1997, o primeiro relógio da Rede Globo foi lançado como símbolo das comemorações dos 500 anos do Brasil, sendo instalado em Porto Seguro e acionado em contagem regressiva para o dia 22 de abril de 2000. No decorrer do ano seguinte, outros relógios-monumentos, iguais ao primeiro, foram colocados em lugares públicos das principais cidades brasileiras e lançados, de preferência, no dia do aniversário da cidade ou em sua festa principal. Houve, no total, 28 relógios.

Faltando poucas horas para o fim da contagem regressiva estipulada, várias entidades da sociedade civil se organizaram para protestar

contra as festividades oficiais dos 500 anos do Brasil e contra toda a articulação hegemônica, transparente nas ações políticas governamentais. Os atos de protesto foram marcados para acontecer nos locais públicos onde se encontravam instalados os relógios monumentos da Rede Globo. Afinal, seria correto atribuímos um sentido a este objeto? Se um objeto não tem vida própria,

*a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos obrigados a contemplar e consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real...*

não seria o símbolo que o objeto encarna a referência inicial?

Apenas perguntar o porquê da criação de um relógio, como símbolo das celebrações oficiais dos 500 anos do Brasil, pela Rede Globo, seria cair no vazio. Na perspectiva da

*o é suficiente reconstituir a por peça a imagem de acontecimento do passado para se obter uma brança.*

mídia, o objetivo estava muito claro: marcar o tempo para a construção de um país melhor. Mas que tempo é este que foi marcado, com tanta exatidão, pelo projeto oficial? Seria o tempo necessário para que a festa ficasse pronta? Seria o tempo que, contado de forma regressiva (o tempo se torna menor, portanto, suportável), passaria a impressão de que o futuro melhor estaria próximo, cabendo a todos ter a paciência necessária para que isso acontecesse? O tempo fixado para a celebra-

ção - 500 anos - seria, na intenção oficial, o tempo de que o país precisou para apresentar o "multiculturalismo sem conflitos" que aparece higienizado pela mídia e homogeneizado pelo discurso dominante?

Muitas outras questões poderiam ser levantadas e respondidas por profissionais, intelectuais ou, até mesmo, pessoas leigas atentas ao assunto. Aqui, o interesse é pela reflexão do tema, por aqueles que, em algum momento, não somente questionaram o símbolo, mas que também dele se utilizaram para os seus propósitos.

#### **A destruição do espetáculo**

Em 1967, o filósofo, agitador social, diretor de cinema e doutor em nada, como se auto definiu, Guy Debord publica *A sociedade do espetáculo*, uma crítica à moderna sociedade de consumo. Para o autor, o espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. Observando o decurso das comemorações dos 500 anos do Brasil, realizadas pelo projeto do governo federal e apoiadas pela mídia, percebemos o quanto o texto de Debord, a cada dia que se passa, parece atualizar sua crítica.

Por mais de dois anos, esse projeto de celebrar os 500 do Brasil criou várias atividades e muitos eventos em parceria com múltiplos atores da sociedade civil, com o propósito de motivar discussões e idéias de todo e qualquer grupo social que queira se manifestar a respeito, de forma democrática e civilizada, contribuindo assim na formação da identidade brasileira. Tais eventos culminariam numa grande festa em que o objetivo principal do projeto oficial, de tornar o país o centro das atenções da comunidade internacional, deveria ser alcançado. A festa, preparada para o dia 22 de abril de 2000 na cidade de Porto Seguro - dia, mês e local do descobrimento

do Brasil pelos portugueses deveria manter o aspecto higienizado idealizado pelo mesmo projeto, isto é, sem conflitos e sem confrontos. Para a festa, índios, sem-terras, estudantes também se mobilizaram. A cada grupo interessava aproveitar o momento, em sua concepção, mais político do que festivo, para apresentar a sua atual condição de brasileiro: os índios e o risco de extinção - eram 6 milhões há 500 anos, hoje a população indígena brasileira é de apenas 350 mil, com o agravante de terem suas reservas ameaçadas; os sem-terras e os 500 anos de latifúndio; os estudantes e as políticas educacionais, dando continuidade aos 500 anos de não inserção da população brasileira menos favorecida à escola pública e de qualidade. Outros grupos, entre eles entidades de negros e sindicatos de trabalhadores, estavam presentes para marcar sua contribuição na formação da identidade brasileira, através do mesmo fio condutor: uma avaliação sobre os erros dos 500 anos passados, desde que o Brasil foi colonizado. Tais protestos serviriam para uma reflexão que fugisse ao cinismo da realizada pelo projeto oficial, com o intuito de construir nos próximos 500 anos uma organização do povo brasileiro - mestiço e multicultural na sua formação - capaz de sustentar as mudanças sociais necessárias, conseqüentemente retirando das elites dominantes o poder de exploração e de exclusão social.

O brilho esperado para o desfecho das comemorações não ocorreu. Com o receio de que as mobilizações dos movimentos sociais ameaçassem a festa, o governo, em nome da segurança da sociedade e das autoridades, criou um aparato de repressão policial, ato cujas conseqüências foram parar nas primeiras páginas dos jornais nacionais e internacionais<sup>4</sup>: "O Brasil celebra os 500 anos reprimindo os indígenas"; "Amargo quinto centenário do Brasil"; "O Brasil festeja enquanto os índios protestam"; "Polícia abre fogo

nas comemorações do Brasil". O Brasil mostrado nessas notícias era muito pior que aquele que a mídia tinha se proposto apresentar no início do projeto oficial. De certa forma, conseguiram um dos objetivos - o Brasil foi o centro das atenções do mundo - mas, alcançado às avessas.

Debord (1997) afirma que qualquer um ou qualquer coisa pode aparecer no espetáculo. No caso das comemorações dos 500 anos do Brasil, o fracasso de todo o desenvolvimento do projeto oficial (apoiado pela mídia) foi o destaque em todos os meios de comunicação. É Debord, na mesma obra, que considera:

*A discussão vazia sobre o espetáculo - isto é sobre o que fazem os donos do mundo - é organizada pelo próprio espetáculo: destacam-se os grandes recursos do espetáculo, a fim de não dizer nada sobre seu uso. Em vez de espetáculo preferem chamá-lo de domínio da mídia. Com isso querem designar um simples instrumento, uma espécie de serviço público que gerenciaria com imparcial "profissionalismo" a nova riqueza da comunicação de todos por mass media, comunicação que teria enfim atingido a pureza unilateral, na qual se faz calmamente admirar a decisão já tomada. O que é comunicado são ordens; de forma altamente harmoniosa, os responsáveis por essas ordens são os mesmos que vão dizer o que pensam delas (p. 170).*

Assim, o que pode vislumbrar, em relação à expectativa criada por todo esse carnaval em torno da data 22 de abril de 2000, é que se tratou de um festejo ajustado à lógica mercantil: o evento comemorativo passou a ser um assunto mais para economistas do que para historiadores. É difícil imaginar que, estando de tal forma ligado ao resíduo cultural do país, à memória social de várias gerações e às nossas histórias subjetivas como estudantes e professores (as), a data celebrativa dos 500 anos do Brasil "descoberto" possa ter

adquirido tanta característica comercial. Ainda me fundamentando em Debord (1997) o espetáculo constitui a forma suprema de abstração, afirmando o domínio da economia sobre a vida humana nesta nova representação do feiticismo.

Dentro desse sistema, uma data é mais do que um produto - é referência para "negócios". E o evento celebrativo tornou-se nada mais nada menos que falsa consciência, constantemente realimentada pelas propagandas massivas - incluindo a criação do Relógio da Rede Globo, como também a construção da réplica da nau Capitânia - para camuflar como a lógica dominante de produção e exploração se juntou ao cerne da subjetividade. Um evento, sempre comemorado pelo calendário escolar, tomou um vulto orquestrado por este "novo" regime de difundir acontecimentos - o da espetacularização de tudo pelos meios de comunicação.

#### **A memória social dos jovens**

No ato de apreciar um monumento, o passado é evocado. Análogo a um material da memória coletiva, o monumento se caracteriza pelo poder de perpetuar fatos históricos e atos comemorativos. Construir um monumento, para as comemorações dos 500 anos do Brasil, encomendado pelo governo e executado por uma rede de televisão, sem dúvida, teve o objetivo de restaurar a reprodução oficial da história, necessária para preservar a visão de mundo da elite brasileira.

Em Matéria e memória, Bergson (1990) mostra a convergência entre a permanência do passado (a memória) e a sua junção com o presente (a percepção) assim, colocada as imagens passadas sobrevividas, elas constantemente irão misturar-se à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. Pois elas só se conservam para tornarem-se úteis: a todo instante completam a experiência presente, enriquecendo-a com a experiência adquirida; e como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e

submergir a outra". Halbwachs (1990) complementa:

*Não é suficiente reconstruir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reco-*

*Quando um jovem procura descobrir a própria identidade, muitas vezes rebelando contra o mundo dos mais velhos (pais ou não), ele está ansioso por conhecer coisas novas e grande vontade de parti-*

*nhecida e reconstruída (p.34).*

É provável que todo o trabalho desenvolvido pelo projeto do governo de reconstruir em nossa memória a versão oficial dos 500 anos do Brasil a partir do descobrimento não tenha obtido o sucesso desejado porque, talvez, no espírito do projeto e no espírito do povo não existiam noções comuns suficientes para esta reconstrução. A identidade procurada pelo projeto deveria ser a que atenderia à sociedade capitalista que "destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa". (CHAUÍ, 1994).

Os movimentos sociais manifestaram-se através de uma identidade - a despeito de grande parte da propaganda muitas vezes truncada pela mídia - de um povo que

luta para não mais ser subordinado à cultura hegemônica. Ele resiste na constituição de suas diferenças e da multiplicidade de culturas encontrada em sua brasilidade, resultante de uma civilização mestiça.

Em muitos depoimentos ouvidos nas escolas sobre alunos adolescentes, reconhece-se aspectos do mito de Prometeu<sup>6</sup> instalados nas relações familiares e sociais da vida atu-

*juventude possui muita imaginação e quer estruturar o mundo com as suas idéias.*

al. Quando um jovem procura descobrir a própria identidade, muitas vezes se rebelando contra o mundo dos mais velhos (pais ou não), ele está ansioso por conhecer coisas novas e com grande vontade de participar. Para Prometeu, o seu pensamento tem maiores possibilidades de fato, pois ele é aquele que pode prever o futuro, portanto suas ações acompanham os seus anseios. A juventude possui muita imaginação e quer estruturar o mundo com as suas idéias. Com a puberdade, o adolescente percebe o aumento da responsabilidade social e reage com críticas

*Com a puberdade, o adolescente percebe o aumento da responsabilidade social e reage com críticas quando os adultos impõem a responsabilidade.*

quando os adultos impõem esta responsabilidade. Com isto, segundo Andrade (2000), o jovem acaba por assumi-la sem perder a alegria e a esperança. Assim, tal Prometeu, esse estudante se apropria do fogo à força, às escondidas, à revelia das idéias coletivamente reconhecidas e aceitas no mundo adulto instalado.

Ao citar a figura do Prometeu grego não pretendemos, em abso-

luto, aprofundar numa interpretação do mito e nem mesmo fazer uma análise mais detalhada sobre a puberdade. Simplesmente, em aproveitar-me deste interessante aspecto já analisado do mito (RASHE, - 1988) transpondo-o para uma descrição mais ampliada, na qual Prometeu também poderá ser um jovem em conflito com a ordem social estabelecida. Nesse sentido, aponto de forma bem geral como um jovem pode apropriar-se da cultura que o circunda além da escola, e tento compreender como os sonhos e fantasias, inerentes à sua idade, contribuem para a reinvenção de uma sociedade mais transparente e justa.

#### **Conclusão: Por uma tentativa de contribuição**

A pesquisa teve como estratégia entrevistas feitas com estudantes do ensino médio, de uma escola pública de Goiânia, que não participaram do ato público de 19/04/00, além de entrevistas com os presidentes e alguns membros das entidades representativas dos estudantes no Estado de Goiás: União Estadual dos Estudantes (UEE) e União Municipal dos Estudantes Secundaristas (UMES), que participaram da manifestação acima mencionada.

Afinal, o que revelava tal símbolo (o relógio da Rede Globo), ou a que necessidade correspondia ele para representar as celebrações oficiais dos 500 anos do Brasil? Tomando as opiniões declaradas dos estudantes, resultantes das entrevistas, teceremos algumas considerações sobre esse relógio-símbolo.

Vários foram os indicadores apontados pelos estudantes que permitem vislumbrar no símbolo a intencionalidade da mídia em seduzir as pessoas ao tempo proposto pelo projeto do governo. Este tempo, marcado pelo relógio monumental, é no imaginário dos jovens, o tempo desejado por todos para que o país realmente alcance uma situação social melhor. O sonho e a realidade se confrontam nas

interpretações desses estudantes.

*Apesar do relógio ser bonito, não vi muito significado nele (...) É muito grande e vistoso, passo sempre perto dele e fico observando o número do dia (...) Poderiam ter gasto o dinheiro que gastaram para construir esse relógio em coisas mais úteis para a população (...) Se realmente as coisas fossem melhorar após esta contagem, seria muito bom (...).*

Relatos dos participantes das manifestações de protestos à política educacional demonstram a análise prévia que fizeram do símbolo, que poderia ser assim sintetizada: a Rede Globo é porta-voz do governo federal e, junto com a elite brasileira, quer dominar o país. Esses estudantes, ao se decidirem pelo ato público, consideraram, uma vez que precisariam aparecer na mídia para divulgar suas reivindicações, que o local mais adequado para as manifestações seria o espaço público onde se instalara o relógio da emissora, em Goiânia.

*Se eles ocuparam um espaço público para divulgarem o seu produto, por que nós não poderíamos usá-lo também para alcançarmos a nossa intenção (...) A nossa intenção era clara. Queríamos a atenção da sociedade. Nós, do movimento estudantil, temos muita dificuldade de obter um espaço na mídia (...) Já que a proposta estava feita, queríamos discutir outros 500 do Brasil. O símbolo da Rede Globo no centro desse relógio gigantesco, instalado em várias cidades do Brasil e representando as comemorações desses 500 anos, demonstrou, para nós, o quanto a Rede Globo quer continuar afirmando o seu poder sobre o povo brasileiro (...) A grande dificuldade, que temos hoje no movimento estudantil, é encontrarmos a linguagem adequada para nos comunicar com os colegas. Esse fascínio, existente hoje, pelo consumo requer uma abordagem diferenciada à utilizada em outros tempos.*

A abordagem da memória social de jovens estudantes e de suas relações sóciopolíticas, mediante os fatos ocorridos durante as celebrações dos 500 anos do Brasil, filia-se ao propósito de oferecer ao professor subsídios para trabalhar com os seus alunos atividades que proporcionem uma conscientização política a respeito do cotidiano social. Segundo Santos (1999) "com o papel que a informação e a comunicação alcançaram em todos os aspectos da vida social, o cotidiano de todas as pessoas assim se enriquece de novas dimensões". Tal ênfase pode ser observada tanto nos atos dos estudantes pelas manifestações ocorridas no evento celebrativo em torno dos relógios-monumentos, como também nos intentos do projeto governamental e da mídia, ao instalarem os relógios em espaços públicos.

A idéia é que o professor possa estabelecer, de um lado, um processo de elaboração das memórias a partir de fatos e eventos ocorridos e/ou evidenciados no cotidiano social; de outro, construir, conjuntamente com outros professores e com os alunos, novas formas de entrelaçar os saberes escolares com os conceitos e informações a serem pesquisadas. É possível que na disponibilidade da memória se encontre a existência de fatos cotidianos, quer na forma de uma notícia, quer na forma de um patrimônio documental/legal, ou, como tem sido considerada no imaginário popular, no registro de uma história oral.

Os professores dependeriam da existência, ou não, de vestígios das ocorrências dos fatos, das memórias coletivas, para o desenvolvimento de suas ações. Porém, essas memórias - recheadas de informações - devem ser consideradas como matéria-prima do próprio cotidiano.

As memórias que chegam ao imaginário popular e, também, aos jovens estudantes são abastecidas de intenções diversificadas, justificando os desejos de grupos sociais e econômicos distintos na consti-

tuição de seus interesses. São resultados históricos de atos intencionais desses grupos, que tanto consideram os aspectos valorativos como, também, organizam imagens correspondentes às conveniências dos diversos atores sociopolíticos.

Cabe, desse modo, ao professor reflexivo<sup>7</sup> sondar as intenções manifestas ou dissimuladas nos acontecimentos do cotidiano social, tentando (re)interpretar as lógicas postas nas informações em que, tais intenções, irão adquirir forma e significado. Os fatos ocorridos, em última instância, serão a mediação entre o livre arbítrio do professor e a formulação de saberes necessários.

A memória social, compreendida em seu aspecto político, possibilitará e valorizará a redescoberta da identidade social de que o jovem estudante é depositário como cidadão de um país, membro de uma sociedade e produto de um meio cultural, o que possibilitará, por sua vez, a promoção de transformações sociais. A Professora Célia Linhares (1999), em seu texto "Formação dos profissionais da Educação: rememorando para projetar", nos ensina, de forma singular, que é preciso desaprender a esperar palavras de ordens e soluções gerais, para inventar caminhos em que possamos aprender a nos fazer livres para arriscar-nos a reter o presente e o futuro. Portanto, com uma perspectiva, sobretudo, sociopolítica, este texto tenta colaborar com os professores na ordenação de possíveis conexões entre o cotidiano social do aluno, através dos fatos e/ou eventos que o afetam, e os saberes escolares que permeiam todo o processo de ensino.

### Autora:

\* Professora Assistente do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/UFG, Mestre em Educação - UFF/RJ.

### Notas

1. Professora Assistente do Centro de Ensino e

Pesquisa Aplicada à Educação - CEPAE/UFG, Mestre em Educação - UFF/RJ.

2. A compreensão de educação como prática reflexiva funda-se em Woods (1995).
3. Segundo Coimbra (1998), através da ininterrupta construção de modelos de unidade, de racionalidade, de legitimidade, de justiça, de beleza, de cientificidade, os meios de comunicação de massa produzem subjetividade que nos indicam como nos relacionar, como, enfim, ser e viver dentro de um permanente processo de modelização.
4. Sobre o assunto consultar a reportagem "Fiasco Maravilhoso: as comemorações dos 500 anos naufragam em ritmo de samba-enredo".
5. Segundo Muniz Sodré (1983) o termo é traduzido como veículos de massa, ou seja: o jornal, a televisão, a revista, o rádio, o disco, o filme.
6. Mitologia grega - aquele que roubou o fogo dos deuses e o deu aos homens, sendo por isto punido por Zeus.
7. Compreendo o professor reflexivo como sendo aquele sujeito político capaz de refletir as mediações que estão postas no espaço social, possibilitando condições para que os saberes sejam criados a partir de fatos e de suas próprias experiências.

### Bibliografia:

- ANDRADE, E. R. Juventude e Cidadania. Movimento - Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, nº 1. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2000.
- BABHA, H. K. O Local da Cultura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BERGSON, H. Matéria e Memória - Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BOFF, L. Depois de 500 anos: que Brasil queremos? Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- BOSI, E. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CAPRA, F. O Ponto de Mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. "Os Trabalhos da Memória" in Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos - Bosi, Ecléa - Cia. das Letras - São Paulo - 1994).
- COIMBRA, C. M. B. Tese de Doutorado (mimeo), 1998.
- DEBORD, G. A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ELIADE, M. Imagens e Símbolos - Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FOUCAULT, M. As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- LINHARES, C. Formação dos Profissionais da Educação: rememorando para projetar, (mimeo), 1999.
- RASHE, Jörg. "Prometeu - A luta entre Pai e Filho" - Editora Cultrix - São Paulo - 1988).
- REVISTA VEJA, Fiasco maravilhoso: as comemorações dos 500 anos naufragam em ritmo de samba-enredo. Editora Abril, ano 33, nº 18, 03/05/2000, p.44.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SODRÉ, M. A Comunicação do Grosseiro - um ensaio sobre a cultura de massa no Brasil. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.
- THOMPSON, P. A Voz do Passado: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- WOODS, P. Aspectos da criatividade do professor. In: NÓVOA, A. (Org) Profissão professor. Portugal: Editora